

Lafoensia pacari A.St.-Hil.

(dedal do campo, dedaleiro, dedaleiro amarelo, mirindiba, pindorama)

Família: Lythraceae

Sinônimos: *Lafoensia densiflora*

Endêmica: não⁵

Bioma/Fitofisionomia: Cerrado, Mata Atlântica⁵

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

O dedaleiro é uma árvore normalmente de pequeno a médio porte, indicada para arborização urbana por sua rusticidade e por suas flores grandes, branco-amareladas. Suas folhas são lisas, brilhantes com nervuras salientes e a casca externa é cinzenta, rugosa e com fendas. A madeira do dedaleiro é durável em contato com o solo e por isso é utilizada em obras externas na construção civil, e também para assoalhos e tabuados, entre outros usos.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (cabo de ferramentas, mourões, tabuados, tacos, lenha, carpintaria e marcenaria), produtos não madeireiros (apícola, medicinal, ornamental)^{8,1,2}

Características gerais

Porte: altura 1.0-25.0m DAP 20-60cm^{8,1,7,2}

Cor da floração: creme^{6,3,2,7,4,1}

Flor creme-amarelada, branco-amarelada a bege, branca.

Velocidade de desenvolvimento: Lenta, Moderada^{1,8}

Pode atingir 2,5 m aos 2 anos (LORENZI, 2002).

Persistência foliar: Semidecídua, Decídua^{3,8,1}

Sistema radicular: Pivotante⁹

Formato da copa: Globosa^{4,3,1}

Diâmetro da copa: 6m^{3,4}

Alinhamento do tronco: Reto, Levemente tortuoso¹

Superfície do tronco: Áspera^{1,2}

Tipo de fruto: Seco deiscente (Cápsula)^{8,4,7,3,9,2,1}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim¹

Pragas e doenças: Em Colombo, Curitiba (PR), plantios experimentais foram afetados por coleópteros cerambicídeos *Oncideres* spp., comprometendo muito o crescimento em altura das plantas (CARVALHO, 2003). Nas praças de Curitiba, esta espécie também foi suscetível ao ataque da cochonilha *Ceroplastes grandis* (TRINDADE; ROCHA, 1990).^{10,1}

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: não¹⁹

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas, Áreas bem drenadas^{17,18}

Áreas com inundação temporária e áreas bem drenadas, não alagáveis.

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária inicial¹⁵

Polinizadores: Flores polinizadas por morcegos (JACOBI; CARMO, 2011; BACKES; IRGANG, 2004), mariposas e abelhas (BACKES; IRGANG, 2004).^{2,11}

Período de floração: fevereiro a dezembro^{7,1}

Flores de fevereiro a julho (CARVALHO, 2003), de setembro a dezembro (CAVALCANTI; GRAHAM, 2002).

Tipo de dispersão: Anemocórica, Autocórica, Barocórica^{11,1,9}

Agentes dispersores: -

Período de frutificação: janeiro a outubro^{7,1}

Frutos maduros de janeiro a junho (CAVALCANTI; GRAHAM, 2002); frutos de abril a outubro (CARVALHO, 2003).

Associação simbiótica com raízes: sim¹⁶

Ausência de micorriza arbuscular (MA) no campo, porém incidência muito alta de MA em casa de vegetação e resposta muito alta à inoculação de MA.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{9,1,8}

A coleta pode ser feita quando os frutos começam a adquirir cor castanha escura, antes da deiscência. Mesmo um pouco verdes as sementes germinam (KUNIYOSHI, 1983). Os frutos devem ser coletados quando passam do verde para o castanho-escuro. A extração das sementes pode ser feita manualmente, por meio de cacete para quebrar o fruto (CARVALHO, 2003). Colher os frutos quando iniciarem abertura espontânea e em seguida deixá-los ao sol para completarem a liberação das sementes (LORENZI, 2002).

Tipo de semente: Ortodoxa^{12,13}

Tratamento para germinação: Sem necessidade de tratamento^{8,1}

Produção de mudas: Canteiros^{8,2,1}

A repicagem para recipientes individuais deve ser feita em recipientes individuais de tamanho médio, 2 a 4 semanas após a germinação (CARVALHO, 2003).

Tempo de germinação: 4 a 60 dias^{9,1,2,8}

Taxa de germinação: 60 a 90%^{8,1}

Número de sementes por peso: 39000/kg^{14,9,8}

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra¹

O dedaleiro é uma espécie que tolera sombreamento de média intensidade na fase jovem.

Bibliografia

¹ CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

² BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

³ SÃO PAULO (Município). Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. Manual técnico de arborização urbana. São Paulo, 2005. 48 p.

⁴ COMPANHIA ENERGÉTICA DE SÃO PAULO - CESP. Guia de coexistência da arborização com o sistema elétrico. São Paulo: Divisão de Tecnologia, 1990. 31 p.

⁵ CAVALCANTI, T. B.; GRAHAM, S. Lythraceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 15 ago. 2013.

⁶ ELETRICIDADE DE SÃO PAULO S/A - ELETROPAULO. Guia de planejamento e manejo da arborização urbana. São Paulo: Eletropaulo: Cesp: CPFL, 1995. 38 p.

⁷ CAVALCANTI, T. B.; GRAHAM, S. Lythraceae. In: WANDERLEY, M. das G. L.; SHEPHERD, G. J.; GIULIETTI, A. M. (Ed.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. São Paulo: FAPESP: HUCITEC, 2002. v. 2, p. 163-180.

⁸ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

- ⁹ KUNIYOSHI, Y. S. Morfologia da semente e da germinação de 25 espécies arbóreas de uma floresta com araucária. 1983. 233 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1983.
- ¹⁰ TRINDADE, A. V. C.; ROCHA, M. P. da. Avaliação da situação fitossanitária das árvores de praças em Curitiba. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE ARBORIZAÇÃO URBANA, 3., 1990. Curitiba. Anais... Curitiba: FUPEF, 1990. p. 324-330.
- ¹¹ JACOBI, C. M.; CARMO, F. F. do. Life-forms, pollination and seed dispersal syndromes in plant communities on ironstone outcrops, SE Brazil. *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana, v. 25, n. 2, p. 395-412, 2011.
- ¹² CARVALHO, L. R. de; SILVA, E. A. A. da; DAVIDE, A. C. Classificação de sementes florestais quanto ao comportamento no armazenamento. *Revista Brasileira de Sementes*, Brasília, v. 28, n. 2, p. 15-25, 2006.
- ¹³ MEDEIROS, A. C. S.; EIRA, M. T. S. Comportamento fisiológico, secagem e armazenamento de sementes florestais nativas. Colombo: Embrapa Florestas, 2006. 13 p. (Circular Técnica, 127).
- ¹⁴ DURIGAN, G.; FIGLIOLIA, M. B.; KAWABATA, M.; GARRIDO, M. A. de O.; BAITELLO, J. B. Sementes e mudas de árvores tropicais. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica, 1997. 65 p.
- ¹⁵ IVANAUSKAS, N. M.; RODRIGUES, R. R.; NAVE, A. G. Fitossociologia de um trecho de Floresta Estacional Semidecidual em Itatinga, São Paulo, Brasil. *Scientia Forestalis*, Piracicaba, n. 56, p. 83-99, dez. 1999.
- ¹⁶ ZANGARO, W.; NISIZAKI, S. M. A.; DOMINGOS, J. C. B.; NAKANO, E. M. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas nativas da bacia do Rio Tibagi, Paraná. *Cerne*, Lavras, v. 8, n. 1, p. 77-87, 2002.
- ¹⁷ SILVEIRA, C. J. A.; COELHO, A. N.; ROCHA, M. G. B. Nota técnica para o programa de fomento ambiental. Belo Horizonte: Instituto Estadual de Florestas - IEF, 2008.
- ¹⁸ MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.
- ¹⁹ BIONDI, D.; LEAL, L. Caracterização das plantas produzidas no Horto Municipal da Barreirinha – Curitiba/PR. *Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana*, Piracicaba, v. 3, n. 2, p. 20-36, jun. 2008.